

SIMPÓSIO AT040

DA “LÓGICA DA PERIFERIZAÇÃO” E O SURGIMENTO DA CIDADE DE CEILÂNDIA

CAMPÊLO, Sandra Rodrigues Sampaio
Universidade de Brasília
campelo.sandra@gmail.com

Resumo: O objetivo desse trabalho é analisar o discurso midiático que circunda quando da periferização de uma comunidade. O estudo é parte de uma pesquisa de doutorado de cunho qualitativo que busca, através de uma pesquisa-ação junto a jovens da comunidade, a mudança de práticas sociais transformadoras ancoradas em novas práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 2001). O estudo baseia-se nos estudos da Análise de Discurso Crítica proposta por Fairclough (2001, 2003, 2010) bem como na microanálise na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) e em Halliday e Mathiessen (2004). A cidade de Ceilândia representa um espaço de segregação diferente de outras cidades brasileiras (ABRAMOVAY *et al.*, 2004, p. 36). Para Gouvêa (1996, p. 233), em Brasília houve um “verdadeiro apartheid social” desde o seu planejamento que fez surgir a cidade fruto da “erradicação de invasores”. O corpus dessa análise é formado por reportagens do jornal Correio Braziliense (1970-1971) que mostra a preparação da comunidade para a transferência do centro para a periferia. Com base no corpus documental, pondero, de início, uma identidade de reforço negativo em torno da cidade de Ceilândia que circula na sociedade e que cria um contexto cultural sob sua população. Muito precisa ser feito nessa comunidade e para seus atores sociais (moradores) que foram/são marginalizados geográfica e socialmente desde a origem da cidade até a atualidade.

Palavras-chave: periferização; exclusão social; discurso midiático.

Abstract: The objective of this work is to analyze the mediatic discourse that surrounds the peripheralization of a community. The study is part of a qualitative doctoral research that seeks, through an action research with young people of the community, the change of transformative social practices anchored in new discursive practices (FAIRCLOUGH, 2001). The study is based on the studies of Critical Discourse Analysis proposed by Fairclough (2001, 2003, 2010) as well as in the microanalysis in Halliday's Systemic-Functional Linguistics (1994) and in Halliday and Mathiessen (2004). The city of Ceilândia represents a space of segregation different from other Brazilian cities (ABRAMOVAY *et al.*, 2004, p. 36). For Gouvêa (1996, p. 233), in Brasilia there was a "true social apartheid" from its planning that gave rise to the city fruit of the "eradication of invaders". The corpus of this analysis is formed by reports from the newspaper Correio Braziliense (1970-1971) which shows the preparation of the community for the transfer of the center to the periphery. Based on the documentary corpus, I consider, at the outset, a negative reinforcement identity

around the city of Ceilândia that circulates in society and creates a cultural context under its population. Much needs to be done in this community and for its social actors (residents) who have been / are geographically and socially marginalized from the origin of the city to the present day.

Keywords: peripheralization; social exclusion; media speech.

Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado e tem por objetivo analisar o discurso midiático da época da criação da nova Capital Federal e a transferência de “invasores” das áreas próximas ao centro da Capital.

A cidade foco de estudo neste trabalho está localizado a 27 quilômetros do centro de Capital Federal. Ceilândia é sempre lembrada como a periferia de Brasília. O termo periferia deriva do grego *periphéreia* e entre os diversos, representam algo que distante do centro urbano. De fato, Ceilândia foi afastada do centro comercial, pois o local onde estava situada não previu construção de cidade em volta, no intuito de proteger o “anel sanitário” que circunda Brasília.

O termo periferia, no entanto, é tomado por um conceito negativo em oposição ao centro de qualquer cidade. É lá onde estão as classes que “devem” ser afastadas de comunidades mais “aculturadas” e/ou com nível social mais elevado. Para Domingues (1994, p. 5), o termo periferia define-se também pela “dependência e subalternidade às áreas centrais e aos locais de destino dos habitantes-pedulantes” enquanto o subúrbio seria uma “variante da condição periférica, normalmente contextualizada num padrão de urbanização que atingiu uma escala dimensional alargada”. Para o autor, do ponto de vista social, a periferia é uma “representação social estigmatizada”.

Durante pesquisa documental sobre a história da Capital Federal e da campanha que culminou na criação da cidade de Ceilândia, foi observado a construção de um discurso que convencesse à população de Brasília dessa época e aos moradores das “invasões” a benefícios dessa transferência.

1. A periferização do discurso

No trabalho intitulado: “Discursos da Exclusão na Geografia do Distrito Federal”, os autores Tatagiba e Silva (2013), destacam que, desde o início da construção da nova capital brasileira, ocorreram vários movimentos de afastamento desses trabalhadores do centro político-administrativo-judicial brasileiro.

o fato é que, ao longo da história do Distrito Federal, desde antes mesmo da inauguração de Brasília, os movimentos migratórios implicaram muitas ocupações espontâneas, ditas “invasões”, que, por sua vez, resultaram na oficialização pelo poder público de várias “cidades-satélites”. A concepção inicial subjacente à criação das novas cidades-satélites era a de afastar a pobreza do centro, ou seja, de Brasília. (TATAGIBA; SILVA, 2013, p. 130).

A adoção da expressão “cidade-satélite” (observa-se satélite por “aquilo que gravita” em torno de um centro, é um elemento secundário controlado por um principal) quer minimizar a periferização que ocorre na Capital. O plano inicial da construção de Brasília não previu que “barracos” fossem erguidos próximos ao centro, ou seja, próximo ao Plano Piloto . Por essa razão inclusive, foram surgindo as Cidades-Satélites. Para Gouvêa (1996, p. 232):

Todos esses núcleos tinham em comum as grandes distâncias do centro de empregos – o Plano Piloto -, que na ocasião concentrava quase a totalidade dos postos de trabalho. [...] esses núcleos não tinham nenhuma infra-estrutura urbana ou comunitária, fazendo seus moradores ficarem praticamente acampados no meio do cerrado, sem água, luz, esgotamento sanitário, e sendo obrigados a pagar parte significativa de seu salário por um transporte caro e deficiente.

Observa-se que, nessa “lógica da periferização” (SOUSA; MACHADO; JACOUD, 1996, p. 57, grifo dos autores), ao afastar as favelas da Capital, elitizam-se a parte central de Brasília. Esse fenômeno é apontado também por Ribeiro e Lago (1994, p. 12) em outros centros como São Paulo e Rio de Janeiro: “tal tendência convive com outra diametralmente oposta, isto é, a produção de espaços residenciais privilegiados, destinados às camadas de alto poder aquisitivo, separados territorialmente do resto da cidade”. A periferização gera uma segregação não somente espacial, pois distancia geograficamente grupos; mas também socialmente, quando dificulta o acesso a políticas

públicas e a serviços de qualidade a determinada parte da população. (SILVA, K., 2007).

Os primeiros traçados do Plano Piloto mostravam ausência de espaços para trabalhadores/ construtores. A cidade foi desenhada para abarcar toda estrutura administrativa pública do país. Havia, no entanto, uma previsão de criação de cidades próximas que acomodaria parte dos trabalhadores que participaram da criação. Foram criadas Regiões Administrativas (RAs) no intuito de combater a instalação das vilas de migrantes que se formaram desde a construção da Capital. As RAs contradiziam o que era proposto por Lúcio Costa, que planejou a criação das regiões de forma ordenada após a ocupação total do Plano Piloto (TAVARES, 2009, p. 68).

2. O discurso

Nessa época, os jornais estavam em suas manchetes uma “preocupação” com a imagem da Capital para quem chegava ou saíam da cidade.

[...] São favelas mais visíveis, junto dos quais passam todos que chegam ou saem da Capital da República. Elas constituem um **chocante contraste com a beleza arquitetônica da cidade**. (CB, 14 de julho de 1970, grifo nosso)

São êsses duzentos brasileiros, [...] que somados produzem o **tristíssimo espetáculo das “invasões” de famílias** e que numa **favelização indiscriminada**, ofereceu o **tristíssimo contraste dentro do cerne**, mesmo, **da belíssima capital brasileira**. (CB, 28 de julho de 1970, grifo nosso)

Observe que o discurso acima expunha de forma ríspida o contraste da “beleza arquitetônica” da “belíssima capital brasileira” ao “espetáculo” da “favelização indiscriminada” às portas da cidade. Era preciso extinguir tudo isso. O nome da cidade também foi questionado por alguns leitores que não aceitaram. A explicação veio em outra nota, e mais uma vez o discurso elaborado camufla o efeito da periferização a uma solução se um problema social maior.

A sigla CEI figura como prefixo da palavra composta Cei-lândia – como uma realidade brasiliense: nela estão significados a abnegação, o desprendimento e a vontade do povo de uma

cidade de colaborar **na extinção de uma chaga sócia**. (CB, 13 fev. 1971, grifo nosso)

Todos os **conglomerados de habitações subumanas**, dentro ou fora do Plano Pilôto, se acham cadastrados e **vão desaparecer**. (CB, 28 jul. 1970, grifo nosso)

Destaca-se a linguagem do jornal da época, utilizado aqui para recontar a história de Ceilândia. Observa-se a severidade com que são tratados os moradores da Vila do IAPI: “**favelados**”, “**invasores**”. Era necessário **extinguir uma chaga**, estabelecer uma grande batalha para **liquidar** este aglomerado **anti-humano**” (CB, 14 jul. 1970). Os operários/candangos que vieram para construir a cidade; passam a ser chamados de “invasores”, no intuito de deslegitimar e desqualificar os moradores dali e assim ganhar apoio de toda população de Brasília para remoção daquelas famílias. Muitos moradores se sentiram “coagidos” e desejavam sair da ilegalidade para a legalidade.

Na “terra prometida” eles são ressignificados e passam a ser chamados “habitantes de Ceilândia”. A Campanha de Erradicação de Invasões lançou mão de um paradoxo em sua campanha: ao tempo que hostiliza as “invasões” e o espaço das Vilas; engrandece o novo local para onde serão transferidos a comunidade: “a terra maravilhosas”, céu mais azul, “a terra da esperança”.

os quase oitenta mil habitantes das Invasões vão encontrar na “Ceilândia” esse lugar único no mundo. Uma **nova maravilhosa terra**, banhada de sol, com clima extremamente saudável, que **lhe foi destinada por Deus** e pelos homens do Serviço Social. (CB, 31 jan. 1971)

Havia a promessa de água encanada, luz elétrica e esgoto, que foi transformada em longos anos de espera por tais benefícios. Os moradores se calaram, afinal, eles tinham um lote próprio para morar, não poderiam reclamar de mais nada. Trocou-se a Vila, apenas pela esperança de permanecer no centro da Capital e a luta por dias melhores.

Houve, de fato, um *apartheid* social na Capital Federal. Ao se traçar a Estrada Parque Contorno, delimitou-se o espaço de proximidade do Centro; e com o discurso de proteção ambiental, foi “preciso” afastar o excesso de população para adequar-se ao plano territorial urbano de Brasília em prol do

bem de todos. Lúcio Costa já previa a construção de núcleos periféricos para abrigar essa população, isso implica que já existia um plano de agrupamento da comunidade pobre em outras regiões. As cidades periféricas eram chamadas de Cidades-Satélites. Resulta que satélite não tem luz própria. Hoje, para mitigar as cidades em torno do Plano Piloto (DF), recebem o nome de Região Administrativa. Mas são justamente os núcleos que circundam o Plano Piloto que passam a iluminar a vida da Capital desde a mão de obra à dimensão histórico-cultural de sua formação.

3. Considerações finais

O isolamento espacial a que foram submetidas as pessoas, contribuiu para a queda na qualidade de vida das pessoas. A distância dificultou o acesso ao Centro onde detinha as melhores condições de trabalho, ainda que resultante de contratação mais barata.

[...] o Plano Piloto, na ocasião, possuía mais de 70 % dos postos de trabalho, obrigando a grande maioria dos habitantes das cidades-satélites a se deslocar por mais de trinta quilômetros e despende parte significativa de seus parcos salários com transporte. (GOUVÊA, 1996, p. 233).

Foi destinado, na época, um ônibus-feira que abastecia o comércio em dias predeterminados da semana, uma vez que não circulava mercadoria. A população dependia de outras cidades para adquirir seus alimentos. O comércio era restrito. O dinheiro era restrito. As mulheres que trabalhavam com a atividade de lavar roupas e conseguiam ajudar nas despesas da casa, não podiam exercer sua profissão, não havia água na nova cidade. Enfim, os “invasores” foram enganados com falsas promessas.

Nos dias de hoje, os mesmos locais que antes eram “protegidos”, pois estavam dentro do perímetro do chamado anel sanitário; e por isso precisavam ser desocupados, moram diversas famílias de classe média e alta. Essa incoerência, leva-nos a acreditar na verdadeira periferização da cidade.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual Analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, [2001], 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. 2. ed. Inglaterra: Longman Applied Linguistics, 2010.

GOUVÊA, L. A. C. A capital do controle e da segregação social. In: PAVIANI, Aldo. (Org.). **A conquista da cidade**. 2.ed. Brasília: Editora da UnB, 2010, v. 1, p.

GOUVÊA, L. A. C. Habitação e emprego: uma política habitacional de interesse social. In: PAVIANI, A. **Brasília: moradia e exclusão**. Brasília: UnB, 1996. p. 231-250.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd. ed. London: Hodder Arnold, 2004.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; LAGO, Luciano Corrêa. Reestruturação nas Grandes Cidades Brasileiras: o modelo centro/periferia em questão. **Observatório das Metrópoles**, Rio de Janeiro, UFRJ, p. 01–19, 1994. Disponível em: http://www.observatoriodasmetrolopes.ufrj.br/download/reestruturacao_cidades.pdf. Acesso em: 26 jun. 2018.

SILVA, K. O. A periferização causada pela desigual urbanização brasileira. **Revista Urutágua**, Maringá, PR, n. 11, p. 1-10, dez./jan./fev./mar. 2017.

SOUSA, N. H. B.; MACHADO, M. S.; JACCOUD, L. B. Taguatinga: uma história candanda. In: PAVIANI, A. **Brasília: moradia e exclusão**. Brasília: UnB, 1996. p. 53-79.

TAVARES, B. L. **Na quebrada, a parceria é mais forte - Juventude hip hop: relacionamento e estratégias contra a discriminação na periferia do Distrito Federal**. 2009. 150f. Tese (Doutorado)- Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. Brasília: UnB, 2009.